Maquete do Mar – Escola Básica das Ribeiras – Agrupamento escolas de Perafita

Poças de maré em Porto Covo, Portugal

As poças de maré são poças que se formam entre as rochas e os sedimentos próximos à orla marítima, ao capturar de massa de água quando há baixa de maré. Dão-se sobretudo na costa de mares temperados, mas também em mares tropicais. O mesmo fenômeno pode ser observado em corpos de água doce, mas é mais característico do mar, devido à ressaca e à maré, que agem com regularidade.

Tais poços também constituem *habitats* para algumas das criaturas por sua adaptabilidade. Têm chamado fortemente a atenção de naturalistas e biólogos marinhos, e também a de alguns ensaístas filosóficos e outros escritores. Um exemplo disso último é o da obra *The Log from the Sea of Cortez*, de John Steinbeck, onde pode-se ler: « É aconselhável levantar a vista das poças de maré e dirigir às estrelas, e depois baixá-la e dirigi-la outra vez ao poço de maré. » (« It is advisable to look from the tide pool to the stars and then back to the tide pool again. »)

Por serem muitas delas lugares de fácil acesso, são usadas tradicionalmente para a coleta de alimento como moluscos, crustáceos, peixes pequenos, entre outros.

Na poça de maré podemos encontrar:

Polvos

Os **polvos** são moluscos marinhos da classe Cephalopoda, da ordem Octopoda (*oito pés*), possuindo oito braços fortes e com ventosas dispostos à volta da boca. Como o resto dos cefalópodes, o polvo tem um corpo mole, sem esqueleto interno (ao contrário das lulas) nem externo, como o argonauta. Como meios de defesa, o polvo possui a capacidade de largar tinta, de mudar a sua cor (camuflagem, através dos cromatóforos), e autotomia de seus braços.

Os polvos possuem oito braços, ao contrário das lulas e sépias, que, além dos oito braços, possuem dois tentáculos. O hectocótilo que atua na hora da reprodução é um braço modificado. Dado que os seus membros são usados na locomoção, também se pode referir aos polvos como octópodes.

Todos os polvos são predadores e alimentam-se de peixes, crustáceos e outros invertebrados, que caçam com os braços e matam com o bico quitinoso. Ao longo do tempo, foram selecionados polvos com visão binocular e olhos com estrutura semelhante à do órgão de visão do ser humano, tendo percepção de cor. Tais características auxiliam esses animais na caça.

Polvo

Octopus vulgaris

Classificação científica	
Reino:	Animalia
Filo:	Mollusca
Classe:	Cephalopoda
Subclasse:	Coleoidea
Superordem:	Octopodiformes
Ordem:	**Octopoda**

Estrelas do mar

A Estrela-do-mar é um animal equinoderme em forma de estrela pertencente a classe Asteroidea. Existem cerca de 1.600 espécies de estrela-do-mar no fundo do mar em todos os oceanos do mundo, dos trópicos até as gélidas águas polares. Elas são encontradas desde a zona regional da orelha, descendo para as profundezas abissais, 6.000m(20.000 pés) abaixo da superfície. Entre seus parentes mais próximos podemos citar o Robinho do mar, a bolacha do Mar e o Pepino do Mar.

Estrelas-do-mar são animais marinhos. Elas normalmente têm um disco central e cinco braços, embora algumas espécies tenham um maior número de braços. A região aboral ou superfície superior pode ser lisa, granular ou espinhosa, e é coberto com sobreposição de placas. Muitas espécies são coloridas em vários tons de vermelho ou laranja, enquanto outras são azul, cinza ou marrom. A estrela-do-mar tem pé ambulacrário operado por sistema hidráulico e uma boca no centro da superfície inferior. São, em sua maioria, predadoras de animais típicos da zona bentônica. Várias espécies têm comportamentos de alimentação especializados, incluindo a eversão de seus estômagos e suspensão de alimentação. Elas têm complexos ciclos de vida e podem se reproduzir tanto sexualmente quanto assexuadamente. A maioria pode regenerar partes danificadas ou braços perdidos e lançar os braços como um meio de defesa. Os Asteroidea ocupam várias funções ecológicas significativas. Estrelas-do-mar, como a *Pisaster ochraceus* e a *Stichaster australis*, tornaram-se amplamente conhecidas como exemplos do conceito de espécie-chave em ecologia. A tropical estrela-do-mar-coroa-de-espinhos (*Acanthaster planci*) é um predador voraz de coral em toda a região Indo-Pacífica e a estrela-do-mar-do-pacífico-norte é considerada uma das 100 piores espécies invasoras.[2]

O registro fóssil de estrela-do-mar é antigo, remonta ao período Ordoviciano cerca de 450 milhões de anos atrás, mas é bastante pobre, já que as estrelas do mar tendem a se desintegrar após a morte. Apenas os ossículos e as espinhas do animal são suscetíveis de serem preservadas, fazendo com que os restos sejam difíceis de

localizar. Com a sua atraente forma simétrica, a estrela-do-mar têm desempenhado um papel na literatura, na lenda, no design e na cultura popular. Elas são, às vezes, coletadas como curiosidades, usadas em um design ou como logotipos, e em algumas culturas, apesar de possível toxicidade, elas são comidas.

Asteroidea

Ocorrência: Ordoviciano - Recente

Estrela do Mar

Classificação científica	
Domínio:	Eukaryota
Reino:	Animal
Filo:	Echinodermata
Subfilo:	Eleutherozoa
Superclasse:	Asterozoa
Classe:	**Asteroidea**

Ordens

Brisingida (100 espécies)
Forcipulatida (300 espécies)
Paxillosida (255 espécies)
Notomyotida (75 espécies)
Spinulosida (120 espécies)
† Calliasterellidae (extinta)
Valvatida (695 espécies)
Velatida (203 espécies)

Mexilhão

Mexilhão é o nome comum, sem valor taxonómico, pelo qual são conhecidas diversas espécies de moluscos bivalves. Estas espécies, embora pertencentes a grupos filogeneticamente muito distintos, têm como características comuns apresentarem conchas alongadas e assimétricas e estarem presas ao substrato por um feixe filamentoso (o bisso).[1]

Embora o termo seja mais frequentemente aplicado às espécies do género *Mytilus* comercializadas como marisco (em especial ao mexilhão-comum *Mytilus edulis* e ao mexilhão-galego *Mytilus galloprovincialis*), o nome é aplicado a espécies da classe Bivalvia pertencentes a três subclasses distintas:

- Subclasse Pteriomorphia — mexilhões marinhos;

Tartarugas

A **tartaruga-marinha-comum** (***Caretta caretta***) também chamada de **tartaruga-amarela**, **tartaruga-cabeçuda**, **tartaruga-meio-pente** ou **tartaruga-mestiça**, é uma espécie de tartaruga marinha pertencente à família Cheloniidae. Habita no oceano Atlântico, Pacífico e Índico, e no Mediterrâneo. Actualmente é a única espécie do género ***Caretta***. Passa a maior parte da sua vida em habitats marinhos e estuarinos, e as fêmeas só vêm à praia para desovar. O seu potencial de reprodução é extremamente baixo; as fêmeas põem em média quatro ninhadas de ovos e posteriormente passam por um período de aquiescência no qual não põem ovos durante dois ou três anos. A tartaruga-marinha-comum atinge a maturidade sexual entre os 17 e os 33 anos e a sua expectativa de vida é de 47 a 67 anos.[6]

As tartarugas adultas medem em média 90 cm de comprimento e têm um peso médio de 135 kg, embora também se tenham registado exemplares maiores com um comprimento de até 213 cm e um peso de até 545 kg. A cor da pele varia entre amarelo e castanho, e a carapaça é tipicamente castanha–avermelhada. A diferença mais notável entre fêmeas e machos é que os machos têm caudas mais grossas e carapaças mais curtas do que as fêmeas. Não existe dimorfismo sexual entre as fêmeas e machos juvenis.

É uma espécie omnívora, que se alimenta principalmente de invertebrados que vivem no leito marinho. As suas mandíbulas são grandes e poderosas e servem como uma ferramenta eficaz para desfazer as presas. As tartarugas recém-nascidas têm vários predadores e os ovos são especialmente vulneráveis aos predadores e organismos terrestres. Quando atingem a idade adulta, o seu enorme tamanho faz com que os seus predadores se limitem basicamente aos grandes animais marinhos, como os tubarões.

É considerada uma espécie em perigo de extinção pela União Internacional para a Conservação da Natureza. Os equipamentos de pesca deixados ao abandono são um dos principais factores responsáveis por numerosas mortes de tartarugas marinhas, incluindo a *C. caretta.* Em certos casos, também podem afogar-se quando ficam presas nas redes de arraste. Por forma a reduzir a mortalidade, são utilizados nas redes dispositivos que excluem as tartarugas marinhas das redes de pesca, o que lhes proporciona uma via de escape caso fiquem presas. A perda de praias adequadas para a desova e nidificação, e a introdução de predadores exóticos afectam consideravelmente as populações de *C. caretta.* Os esforços de conservação requerem a cooperação internacional, já que estas tartarugas vagueiam por vastas áreas e as praias de desova essenciais para a sua reprodução estão disseminadas por muitos países.

Algas

Alga (do latim: *alga -e*, "planta marinha") é o nome comum de um diversificado agrupamento polifilético de organismos fotossintéticos cujo ciclo de vida se completa geralmente em meio aquático, embora algumas espécies habitem no solo, sobre superfícies expostas à luz solar ou sejam fotobiontes em fungos liquenizados. A polifilia do grupo impede que a designação tenha valor taxonómico, embora tenha existido o ora obsoleto reino **Algae** L., 1751. Por não constituírem um grupo evolutivo único, mas o agrupamento de um conjunto alargado de organismo pertencentes a grupos filogenéticos muito diferentes,[1] as algas são frequentemente definidas por padrão, em geral por simples oposição aos vegetais terrestres pluricelulares.

Alga

Laurencia, um género de alga marinha.

Classificação científica

Domínio: Eukaryota

Grupos

- Cyanobacteria
- Archaeplastida
  - Chlorophyta (algas-verdes)
  - Rhodophyta (algas-vermelhas)
  - Glaucophyta
- Rhizaria, Excavata
  - Chlorarachnea
  - Cnidaria
  - Euglenophyta
- Chromista, Alveolata
  - Heterokontophyta
    - Bacillariophyceae (diatomáceas)
    - Actinochrysophyceae
    - *Bolidomonas*
    - Eustigmatophyceae
    - Phaeophyceae (algas-castanhas)
    - Chrysophyceae (algas-douradas)
    - Raphidophyceae
    - Synurophyceae
  - Cryptophyta
  - Dinoflagelados
  - Haptophyta

Caranguejos

Caranguejos (também conhecidos como **uaçás**, **auçás** e **guaiás**[1]) são os crustáceos da infraordem **Brachyura**, caracterizados por terem o corpo totalmente protegido por uma carapaça, cinco pares de patas (pereópodes) terminadas em unhas pontudas, o primeiro dos quais normalmente transformado em fortes pinças e, geralmente, o abdômen reduzido e dobrado por baixo do cefalotórax. Os pleópodes se encontram na parte dobrada do abdômen e, nas fêmeas, são utilizados para proteção dos ovos. Por terem até cinco pares de patas ambulatórias são da ordem de crustáceo chamada Decapoda.

Búzios

O **búzio** é o nome comum para vários moluscos gastrópodes marinhos de concha em forma de fuso,[1] nomeadamente múltiplas espécies integradas nas famílias Buccinidae e Ranellidae, em particular as espécies pertencentes aos géneros *Bucino* e *Charonia*. Pode também referir-se à espécie *Cassis tuberosa*,[2] ao tritão[3] ou a um conjunto alargado de pequenos caracóis fusiformes marinhos também genericamente designados por caramujos e burriés. Dada a grande

diversidade taxonómica das espécies conhecidas por este nome comum, o mesmo não tem significado taxonómico preciso.

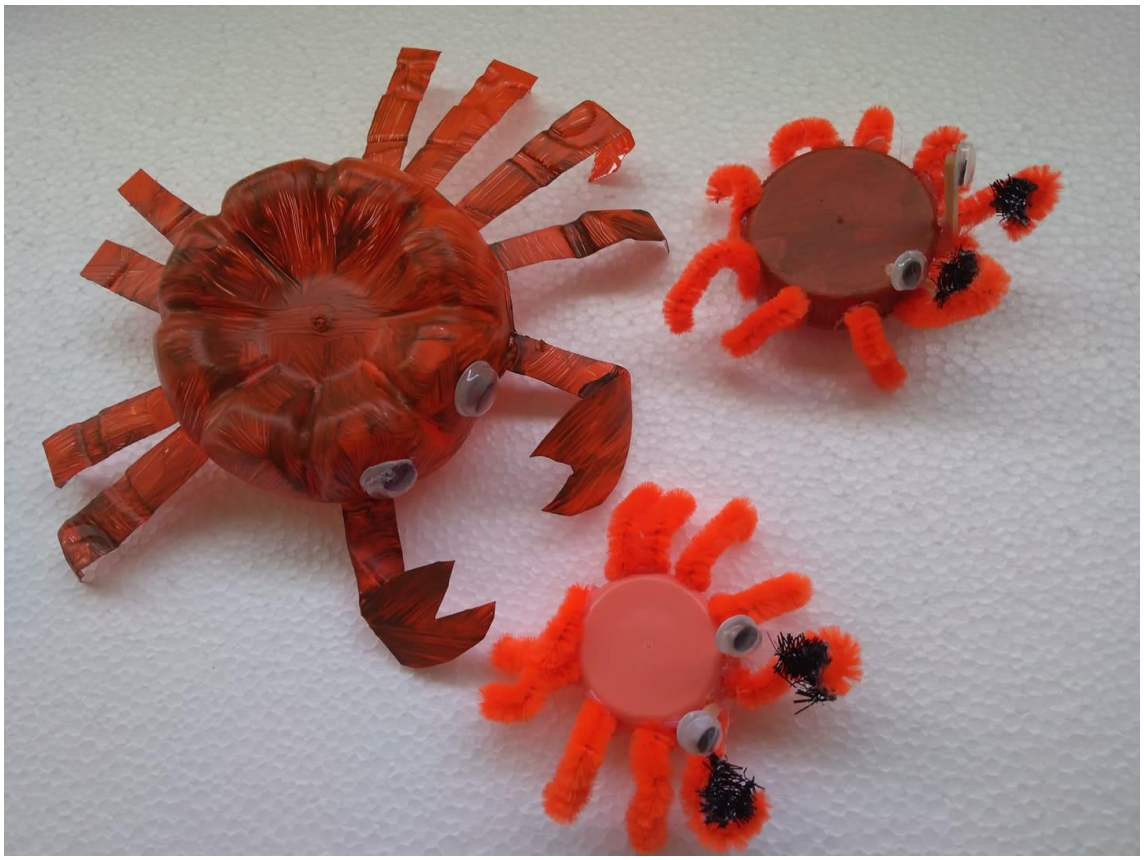
Peixes

Os **peixes** são animais vertebrados, aquáticos, tipicamente ectotérmicos, que possuem o corpo fusiforme, os membros transformados em barbatanas ou nadadeiras (ausentes em alguns grupos) sustentadas por raios ósseos ou cartilaginosos, guelras ou brânquias com que respiram o oxigénio dissolvido na água (embora os dipnóicos usem pulmões) e, na sua maior parte, o corpo coberto de escamas.[1][2]

Os peixes são recursos importantes, principalmente como alimento, mas também são capturados por pescadores recreativos, mantidos como animais de estimação, criados por aquaristas, e expostos em aquários públicos. Os peixes tiveram um papel importante na cultura através dos tempos, servindo como divindades, símbolos religiosos (ver *ichthys*), e como temas de arte, livros e filmes.[3]

Uma vez que o "peixe" é definido negativamente, e exclui os tetrápodes (ou seja, os anfíbios, répteis, aves e mamíferos) que são descendentes da mesma origem, é um agrupamento parafilético, não considerado adequado na biologia sistemática. A classe Pisces, de Lineu é considerada tipológica, mas não filogenética.[3]

Os primeiros organismos que podem ser classificados como peixes eram cordados de corpo mole que apareceram pela primeira vez durante o período Cambriano.[4] Embora eles não tivessem uma verdadeira espinha dorsal, possuíam notocórdio, que lhes permitiu serem mais ágeis do que os invertebrados marinhos. Os peixes continuaram a evoluir durante o Paleozoico, diversificando-se em uma grande variedade de formas.[3]

Bibliografia:

Wikipédia, retirado em 13 de fevereiro de 2019.